

OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA O ENSINO DE DESENHO

Profa. M.^{anda} Ana Paula Batista Araujo (UFPel/RS)
Profa. M.^{anda} Fernanda Taddei (UFPel/RS)

Orientadora: Profa. Dr. Ursula Rosa da Silva (UFPel/RS)

Resumo: Este artigo tem como objetivo o registro dos instrumentos de desenhos do antigo Departamento de Desenho Técnico e Gráfica Computacional (DTGC), hoje tidos como obsoletos e outrora usados para o ensino de desenho das turmas do Instituto de Letras e Artes (ILA). A contribuição que se espera através deste estudo, está ligada a construção de uma identidade constituída com o reconhecimento de metodologias praticadas através destes.

Palavras-chave: ILA. memória do desenho . instrumentos de desenh0

O que é o Desenho – conceitos, instrumental e técnicas

Ao explorar a trajetória da história e do ensino de desenho na cidade de Pelotas, vê-se que mesmo com sua identidade cultural reconhecida nacionalmente, pouco se tem de registro destes trajetos nas pesquisas a este respeito, talvez por conta de um tipo de esquecimento involuntário. Segundo Ferreira (2011), antes de serem opostos, memória e esquecimento são complementares. O esquecimento é parte importante no “processo de formulação de novas memórias”, e assim, então, ao selecionar memórias o esquecimento seria benéfico, visto a quantidade de informações que absorvemos durante o dia. Hoje, refazendo esta trajetória tentamos resgatar estes fragmentos esquecidos para constituirmos uma memória.

Vasconcelos (1997), ao denominar o ensino de "Desenho", nos diz que é com esta nomenclatura que, na literatura pertinente, é genericamente referido o tipo de saber de que o mesmo se ocupa¹. Do mesmo modo, alguns dos encontros científicos que tratam do assunto fazem, em seus títulos, referência a um saber que, também de modo geral, chamam "Desenho"², e, ainda, alguns departamentos das universidades brasileiras, que veiculam o saber em questão,

¹A título de exemplo, tem-se os títulos das obras de FERRO (1982), "O Canteiro e o Desenho" ou de NASCIMENTO (1994), "O Ensino do Desenho na Educação Brasileira".

²Como exemplo, o "II Congresso Nacional de Desenho", realizado em Florianópolis, em 1981.

trazem a palavra "Desenho" em suas denominações³. (Vasconcelos, 1997, p.09)

Assim busca-se formas de comunicar e informar que tornam possível uma pesquisa mais aprofundada destes instrumentos e mais especificamente, os que foram utilizados no ensino de Desenho na cidade de Pelotas especificamente os utilizados no Instituto de Letras e Artes (ILA), atual Centro de Artes e Design (CeArt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl).

Os instrumentos utilizados para o ensino de desenho

A importância da escolha dos instrumentos de desenho para a excelência dos resultados é fato. Mas com o passar o tempo e o aperfeiçoamento tecnológico estes foram se modificando e por vezes, sendo esquecidos. Um esquecimento que podemos classificar como obsoleto segundo Connerton (2008, p.66)⁴. Para este autor o “esquecimento obsoleto” acontece quando há uma grande velocidade na propagação das informações e estas acabam se tornando obsoletas e provocam o esquecimento como resultado da infundável quantidade de informações processadas em um curto espaço de tempo. Em contrapartida, Izquierdo (2002, p.90) vai nos dizer que “como a variedade e quantidade de experiências possíveis é enorme, a variedade de memórias possíveis é também enorme” e então podemos e devemos nos aproveitar destas informações.

Segundo (Coway, 2001, p.12), nossa capacidade de registrar informações aumentou exponencialmente ao longo do tempo, enquanto que a longevidade dos meios utilizados para armazená-la decresceu de modo equivalente. A densidade de informação x expectativa de vida dos suportes fez com que a quantidade de informação que nos faça depender de máquinas que rapidamente ficam obsoletas. Nas instituições, a variedade de máquinas e meios do universo digital, traz a urgência de uma efetiva e responsável atividade de preservação

A catalogação dos instrumentos, numa visão que vai da pena ao computador, tensiona fazer uma retomada para que não se percam as

³É o caso do "Departamento de Desenho e Construções", do IT/UFRRJ e do próprio "Departamento de Desenho", da UFPEL.

⁴Forgetting as planned obsolescence (<http://mss.sagepub.com>)

referências destes objetos, sendo estes, parte fundamental da história do desenho.

Medeiros (1968, p.09), no livro que fala sobre os instrumentos de desenho, começa sua introdução pela valorização desta linguagem dizendo que “tudo o que nos cerca depende essencialmente do desenho, seja o objeto, o móvel, a máquina ou o edifício”. O mesmo autor classifica, de forma simplificada o desenho como técnico e artístico separando-os pelo uso de instrumentos de precisão como régua e esquadro (técnico) ou a mão livre (artístico).

Já em 1968, Medeiros (p.43) enaltece a tecnologia contemporânea pela imensa contribuição a industrialização dos materiais os quais tratou como ferramentas ou instrumentos para Desenho. Ele afirma que “*por mais genérica que fôses a indicação dos meios técnicos disponíveis, seria, é óbvio, difícil tarefa.*” Esta afirmação deve-se a gama de instrumentos já existentes na época.

Parece alvo de contestação nos dias atuais, pois vive-se um tempo onde a tecnologia não apenas cria as ferramentas, mas também oferece formas de comunicar e informar que tornam possível uma pesquisa mais aprofundada destes instrumentos e mais especificamente, os que foram utilizados no ensino de Desenho na cidade de Pelotas.

Instrumentalizando-se

Tendo como base o acervo do Departamento de Desenho Técnico e Gráfica Computacional (IFM – UFPel), pretende-se organizar um catálogo que será o fruto desta pesquisa. O mesmo servirá de ferramenta para entrevistas realizadas com professores, mapeando sua origem, função e a metodologia do ensino de desenho.

Para se efetivar esta pesquisa, a metodologia abordada terá caráter qualitativo, buscando referências em bibliografias tradicionais e meios digitais. Em sua segunda etapa, as entrevistas entram como ferramenta para confirmar e preencher as lacunas que restarem, visto que de muitos dos instrumentos não foram encontradas as informações pertinentes.

Segundo Ruiz Rodrigues (1995, p.55 e 56), existem recomendações para a catalogação como data, resumo, concessor, idioma, tipo de letra (se documento escrito), selo (registro) e estado de conservação do documento ou artefato. Neste ensaio tentaremos colocar em prática o máximo das recomendações, embora por vezes, não será possível pela falta de informações dos objetos. Tais recomendações serão descritas por um modelo adaptado de ficha com o mínimo de informações necessárias a catalogação dos objetos.

Funcionalizando-se

Hoje o DTGC⁵ encontra-se em processo de dissolução e visto que os professores deste departamento serão encaminhados para distintas unidades da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), ainda não se sabe o destino dos instrumentos utilizados outrora para o ensino de desenho. Tende-se a pensar em uma maneira de organizar e verificar os instrumentos de seu acervo, com a capacidade de registrar o material no intuito de que a instituição possa encontrar um lugar adequado para a sua guarda. É importante salientar que poucas são as bibliografias que falam do material físico do ensino de desenho e, sendo assim, este documento torna-se fonte de pesquisa, garantindo a perpetuação de informações, buscando a possibilidade de reconstrução de um tempo caracterizado por práticas já esquecidas. Já em 1940, Lúcio Costa no seu “programa para a reformulação do ensino de desenho solicitado pelo ministro Capanema”⁶, afirma a importância de mostrar e utilizar os instrumentos no ensino de desenho bem como a exigência de que estes deveriam pertencer “à classe”, a instituição que oferta a formação. Organização que se manteve até bem pouco tempo em função do custo e da pouca oferta de estabelecimentos que vendessem estes materiais. Recentemente, com o emprego de materiais mais baratos e populares e com tecnologias que encolheram a lista de objetos usados para o ensino de desenho, os alunos os adquirem para uso em aula e no cotidiano (ao menos no ensino tecnológico e

⁵ Departamento de Desenho Técnico e Gráfica Computacional pertencente (2011) ao Instituto de Física e Matemática da Universidade Federal de Pelotas

⁶www.portal.iphan.gov.br

universitário). Sendo assim, os instrumentos que eram utilizados anteriormente (de posse e guarda da instituição), ficaram de lado, acumulando poeira em armários.

Para uma melhor organização, em vista da imensa gama de materiais disponíveis, classificou-se os instrumentos por categorias relacionadas a sua função, sendo estas: instrumentos de escrita, instrumentos de medição, instrumentos de traçado, instrumentos de auxílio à visualização e auxiliares. Sua catalogação fotográfica⁷ tentará seguir uma rotina que conste data, marca, origem, registro e estado de conservação (bom, regular e precário) dos objetos.

Instrumentos de escrita

Os instrumentos de escrita foram os que mais sofreram avanços tecnológicos pois, foram da pena ao computador de forma muito rápida. As penas variam de acordo com seu uso, segundo Medeiros (1968, p.51), variam se para o uso em desenho de mapas, ilustrações ou letreiros. O uso de lápis e lapiseiras, intermediários neste avanço, dependia da maciez dos grafites e espessura dos mesmos, determinando o tipo de traçado e de desenho (o que organiza tanto quanto complica...). A computação gráfica veio pra ajudar e agilizar o processo de elaboração de projetos, pois permite que o mesmo seja modificado inúmeras vezes, sem que seja necessário refazê-lo totalmente. De qualquer forma, mesmo nos dias de hoje a técnica e a tecnologia andam lado a lado e se auxiliam na construção de projetos.

PONTEIRA DA PENA	PONTEIRA DA PENA	PENA
		
Data: SEM DATA Marca: R. ESTERBOOK Origem: EUA Registro: NÃO POSSUI Estado de conservação:	Data: SEM DATA Marca: SPEEDBALL Origem: EUA Registro: NÃO POSSUI Estado de conservação:	Data: SEM DATA Marca: KEUFFEL & ESSER CO. Origem: N.Y.- EUA Registro: CORROÍDO

⁷ Fotografia: Nadiele Pires, acadêmica Artes Visuais - FURG

REGULAR	REGULAR	Estado de conservação: REGULAR
LAPISEIRA 48	SINTEL	COMPASSO DE REDUÇÃO
		
Data: SEM DATA Marca: KOH I-NOOR HARDTMUTH AG Origem: - Registro: NÃO POSSUI Estado de conservação: BOM	Data: SEM DATA Marca: ROSENHAIN Origem: - Registro: SELO 02.481 Estado de conservação: BOM	Data: SEM DATA Marca: KERN Origem: ALEMANHA Registro: SELO 07.426 Estado de conservação: BOM
EXTENSORES DE COMPASSO	EXTENSOR	PONTEIRAS PARA NORMÓGRAFO
		
Data: SEM DATA Marca: KERN Origem: ALEMANHA Registro: SELO 12.352 Estado de conservação: BOM	Data: SEM DATA Marca: CHAMBRE CLAIRE UNIVERSELLE Origem: FRANÇA Registro: PLACA 38.587 Estado de conservação: BOM	Data: SEM DATA Marca: NEOLT Origem: - Registro: SELO 1184 Estado de conservação: PRECÁRIO
TIRA-LINHAS MÓVEL	ADAPTADOR	PONTILHADOR
		
Data: SEM DATA Marca: MERCURY	Data: SEM DATA Marca: MERCURY	Data: SEM DATA Marca: KERN

Origem: EUA Registro: SELO 38.675 Estado de conservação: BOM	Origem: EUA Registro: SEM REGISTRO Estado de conservação: BOM	Origem: ALEMANHA Registro: SELO 01.851 Estado de conservação: BOM
LAPISEIRAS	JOGO DE COMPASSOS	
		
Data: SEM DATA Marca: FABER, STADLER, PENTEL E PENTEL Origem: VÁRIAS Registro: S/R Estado de conservação: BOM	Data: SEM DATA Marca: KERN Origem: ALEMANHA Registro: S/R Estado de conservação: BOM	

Instrumentos de medição

Os instrumentos de medição são diversos e com especificações diversas. Todos devem ter graduações perfeitas, claras, alinhadas, sem empenações para evitar imperfeições no traçado. Com exceção do compasso, tais instrumentos não devem ser utilizados para traçar, apenas para medir, para que sua graduação não seja danificada. Régua e escalímetros servem para medir distâncias retilíneas. Transferidores servem para a transferência ou marcação de ângulo. O compasso além de traçar arcos e circunferências, mede distâncias retilíneas. O escalímetro é uma régua de escala de redução ou ampliação. Contém 06 escalas reduzidas e sua função principal é suprimir o cálculo mental (Medeiros, 1968 – p.51).

PANTÓGRAFO	RÉGUA	TRANSFERIDORES
		

Data:SEM DATA Marca: ROSENHAIN Origem: - Registro:SELO 01.814 Estado de conservação: RAZOÁVEL	Data: SEM DATA Marca: ARCHIMEDES Origem: BRASIL Registro: A LÁPIS 38.813 Estado de conservação: Bom	Data: SEM DATA Marca: ROSENHAIN, ROSENHAIN, LEMAC DESETEC, ARCHIMEDES E KEUFFEL E ESSER CO. Origem: VÁRIAS Registro: 38.857 – 04.864 – 11.126 – S/R – S/R – 38.585 Estado de conservação: BOM
PESOS	PAQUÍMETRO	CURVÍMETRO
		
Data: SEM DATA Marca: FÉLIX Origem: BRASIL Registro:SELO APAGADO Estado de conservação: Bom	Data: SEM DATA Marca: WHITWORTH Origem: BRASIL (PORTUGUÊS) Registro:SELO 38.402 Estado de conservação: RAZOÁVEL	Data: SEM DATA Marca: DERBY Origem: SUIÇA Registro:SELO 11.341 Estado de conservação: BOM

Instrumentos de traçado

Os instrumentos de traçado são os que podemos usar o grafite, traçando formas e linhas. O esquadro é o instrumento mais utilizado depois do lápis pois com ele podemos medir e traçar ângulos (30°, 45°, 60° e 90°), linhas paralelas, verticais e horizontais. Os gabaritos já vem dispostos com algumas escalas e facilita o traçado em plantas e projetos de protótipos. Existe um sem fim de instrumentos que servem para este fim, muitos destes foram encontrados no DTGC.

GABARITOS	CURVAS FRANCESAS	JOGO DE ESQUADROS
-----------	------------------	-------------------

		
Data: SEM DATA Marca: TRIDENT Origem: BRASIL Registro:S/R Estado de conservação: Bom	Data SEM DATA Marca: POLITÉCNICA PAULISTA Origem: BRASIL Registro:CANETA 38.659 Estado de conservação: PRECÁRIO	Data: SEM DATA Marca: DESETEC Origem: BRASIL Registro:S/R Estado de conservação: Bom
NORMÓGRAFOS	ARANHA	PANTÓGRAFO
		
Data: SEM DATA Marca: ALBERT NESTLER Origem: - Registro:SELO 02.482 Estado de conservação: Bom	Data: SEM DATA Marca: KERN Origem: ALEMANHA Registro:S/R Estado de conservação: Bom	Data:1979 Marca: TRIDENT Origem: BRASIL Registro:S/R Estado de conservação: Bom
ESCALÍMETRO	RÉGUA T	RÉGUA 30CM
		
Data:SEM DATA Marca: TRIDENT Origem: BRASIL Registro:S/R Estado de conservação: RAZOÁVEL	Data: SEM DATA Marca: TRIDENT E SEM MARCA Origem: BRASIL - - Registro:S/R Estado de conservação: Bom	Data: SEM DATA Marca: TRIDENT Origem: BRASIL Registro:S/R Estado de conservação: Bom

Instrumentos de auxílio da visualização

Através dos instrumentos de auxílio da visualização, podemos ter uma noção da aplicação da técnica partindo do espaço físico. Os sólidos geométricos, por exemplo, nos auxiliam na visualização de retas, curvas, formas, relações de altura, largura e profundidade. O diedro auxilia de forma a estipular as relações com o plano e suas projeções, facilitando na visualização do desenho técnico.

SÓLIDOS		SÓLIDO		SLIDES	
					
Data:- Marca: SEM MARCA Origem: - Registro:S/R Estado de conservação: Bom		Data:- Marca: SEM MARCA Origem: - Registro:S/R Estado de conservação: Bom		Data:- Marca: MAGAZINE UNIVERSAL Origem: BRASIL Registro:SELO 02.482 Estado de conservação: Bom	
FOTOSCÓPIO		DIEDRO DE MADEIRA		OBJETOS TRIDIMENSIONAIS	
					
Data:- Marca: D.F.VASCONCELLOS Origem: BRASIL Registro:Á LÁPIS 66R Estado de conservação: Bom		Data:- Marca: SEM MARCA Origem: - Registro:S/R Estado de conservação: Bom		Data:- Marca: SEM MARCA Origem: - Registro:S/R Estado de conservação: Bom	
INSTRUMENTOS DO QUADRO NEGRO					



Data: SEM DATA

Marca: TRANSFERIDOR SOUZA E O RESTANTE SEM MARCA

Origem: -

Registro:S/R

Estado de conservação: RAZOÁVEL

Auxiliares

Alguns instrumentos não são especificamente utilizados para o desenho, mas são auxiliares importantíssimos para a realização dos mesmos. A borracha, por exemplo, deve ser usada o mínimo possível e seus resíduos devem ser eliminados com um pano para que não borre o desenho (ETFPel, sem data). As fitas adesivas devem ter uma qualidade razoável, para que não deixe o papel melado. Quanto aos adesivos, também tivemos um grande avanço, pois nos primórdios, se utilizava a goma arábica para que o papel fosse preso a mesa e para isso era necessário uma longa rotina na cozinha para desmanchar as bolas de goma em banho Maria (Medeiros, 1968 p.44).

BIGODES	MINI-TORNO	PEDRA DE AFIAR PONTAS SECAS
---------	------------	--------------------------------

		
Data:- Marca: ROSENHAIN Origem: - Registro:SELO 11.102 (MAIS) Estado de conservação: Bom	Data:- Marca: SEM MARCA Origem: - Registro:S/R Estado de conservação:RAZOÁVEL	Data:- Marca: VOSPIC Origem: - Registro:SELO 38.662 Estado de conservação: Bom
FITA ADESIVA		
		
Data:- Marca: SEM MARCA Origem: - Registro:S/R Estado de conservação: Bom	Data:- Marca: SEM MARCA Origem: - Registro:S/R Estado de conservação:BOM	

Resultados Parciais e Discussões

O material organizado e documentado após este ensaio (pois se desconhece a função e nome de alguns) poderá ser utilizado para a organização de um arquivo de instrumentos, visto que fazem parte do acervo de uma instituição pública e assim, parte de sua história. Conforme Schelleberg (2004 p.41), podemos definir arquivo da seguinte maneira:

“os documentos de qualquer instituição pública ou privada que hajam sido considerados de valor, merecendo preservação permanente para fins de referência e de pesquisa e que hajam sido depositados ou selecionados para depósito, num arquivo de custódia permanente.”

Os instrumentos de pesquisa muitas vezes, são estes catálogos, pois servem como indicação de caminhos para pesquisa, pois informam a unidade criadora, tipologia, autoria, função a que se refere, data e conteúdo entre outras coisas a exemplo dos museus, conforme Belloto (2004 p.41).

Podemos classificar estes instrumentos como material permanente, segundo Paes (2004 p.48), que é aquele que tem grande duração e pode ser utilizado várias vezes para o mesmo fim. O que posteriormente requer uma pesquisa de como serão acondicionados e organizados para um melhor aproveitamento de espaço, conveniência de serviço, capacidade de expansão, invulnerabilidade, distinção e resistência deste arquivo.

Preservação, segundo Coway (2001) preocupa-se com os objetos propriamente ditos e com a evidência embutida no conteúdo intelectual destes, assim como a evidência do pensamento que se projetou para além da época e das intenções daqueles que as geraram ou publicaram. Pessoas, recursos e materiais devem ser requeridos, organizados e postos em prática para assegurar a proteção adequada às formas de informação.

Os instrumentos que serviam de auxiliares no ensino de desenho são como uma chave para o resgate de todo o processo de retomada de seu uso em sala de aula, pois através de seu estudo, podemos pensar ou buscar informações sobre a sua utilização e assim resgatar a metodologia empregada através deles. Se trata do resgate de metodologias de ensino do desenho, e neste caso a memória então presta um serviço para a retenção do conhecimento, que segundo Rosário (2002)⁸ é “fundamental para a elaboração do conhecimento científico, tecnológico e filosófico”. Estes objetos então, na concepção de Candau (2004, p.118-123) passam a ser elementos “sócio-transmissores”, pois favorecem as conexões, estabelecem uma ponte entre passado e presente de uma atividade relacionada a eles. Sendo estes parte da história de um departamento, fazem então parte da memória de um grupo de professores, alunos e alunos que até se tornaram professores que deve ser no mínimo lembrado para não correr o risco de cair no esquecimento. O que seria um risco segundo Halbwachs (1976, p.27-32), pois o esquecimento pelo

⁸<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero02-2003/numero02.htm>

desapego de um grupo pode diluir as lembranças e até mesmo apagá-las completamente.

Neste caso, tratamos de uma memória pública, pois está relacionada a uma instituição de ensino federal, e assim está submetida a mudanças políticas, geracionais e individuais, segundo Huyssen(p.21)⁹.

A dificuldade de tratar desta memória de cunho público passa a ser muito maior, pois existem outros agravantes externos e assim também este registro se torna importante face à inconstância do futuro deste material. Ao mesmo tempo, podemos pensar em um passado afirmador de identidades, neste caso da identidade do professor de desenho que hoje no DTGC (julho de 2011), se compõe de professores com formação em desenho e computação gráfica (01), arquitetos (07) e engenheiros (04). Áreas distintas que desempenham semelhantes funções no ensino de desenho.

Bergson (1990, p. 111) nos diz que “imaginar não é lembrar”, sugere uma memória que permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. O lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas e a reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. O personagem professor então, não é encarnado do nada, ele passeia entre passado e presente juntando referências dos antigos mestres e seus processos.

Não podemos simplesmente deixar de lado estas ferramentas que nos levam a este passado. Devemos achar uma forma para que sejam lembradas, mesmo que através de uma escrita que as rememore e remonte a este passado.

⁹<http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/Huyssen.pdf>

Referências

- BELLOTO, Heloísa Libarelli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2ª edição. 2004.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CANDAU, Joel. **Antropologia de La memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidad**. Buenos Aires: Del sol, 2001.
- CONNERTON, Paul. Seven types off forgetting. **MemoryStudies2008**. Disponível em: <http://mss.sagepub.com>. Acesso em 10 de julho de 2011.
- COSTA, Lúcio. **O Ensino de Desenho**. 1940. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12623&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>. Acesso em 20 de julho de 2011.
- COWAY, Paul. **Preservação no Universo Digital**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.
- FERREIRA, Maria Letícia M. Políticas de Memória, Políticas do Esquecimento, **Revista Aurora**, 10, 2011. Disponível em www.pucsp.br/revistaaurora. Acesso em 26 de junho de 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.
- HUYSSSEN, Andreas. **En busca del tiempo futuro**. Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/Huyssen.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2011.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MEDEIROS, JOÃO. **O Desenho e sua Técnica**. Rio de Janeiro. Bruno Buccini Editor, 1968.
- ROSÁRIO, Claudia Cerqueira. O lugar mítico da memória. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Ano 01, número 01, 2002 – ISSN 1676-2924.
- RUIZ RODRÍGUEZ, Antônio Ángel. **Manual de archivística**. Madrid: Editora Síntesis, 1995.
- SHELLENBERG, Theodore. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 3ª edição. 2004.
- SILVA, Ursula Rosa.; LORETO, Mari Lucie da Silva. **História da Arte em Pelotas**. A pintura de 1870 a 1980. Educat. Pelotas, 1996.
- VASCONCELOS, Ângela Petrucci. **O Saber do Desenho e o ensino de Arquitetura: relações, perspectivas e desafios**. Dissertação, Mestrado em Educação. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 1997.